

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA ITÁLIA: PROMOTOR DA PARTICIPAÇÃO NA GESTÃO SOCIAL NA ESCOLA. Cinthia Magda Fernandes ARIOSI; Neusa Maria DAL RI (Unesp/FFC, Pós-graduação em Educação/Marília); Eixo Temático: Políticas e gestão educacional.

Neste artigo temos por objetivo apresentar as habilidades profissionais que os educadores italianos apresentam na promoção da participação da família na gestão social na escola de educação infantil. Foram selecionadas quatro cidades na Itália: Reggio Emilia, Pistóia, Turim e Milão para a coleta dos dados. Utilizamos a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e entrevistamos representantes dos grupos sociais envolvidos no cotidiano das escolas. A participação da família na educação infantil italiana é uma prática que está consolidada, porém já sente os reflexos do contexto político, social e econômico do neoliberalismo atual, diante disso alguns desafios se colocam aos educadores, visto que são eles que têm o primeiro contato com os pais e apresentam a proposta de participação na escola. O vínculo educador – família determina o envolvimento da família na gestão da escola, pois o grau de confiança que os pais têm no educador reflete a confiança na instituição. A comunicação é o instrumento fundamental para a construção do sentimento de pertença, que é sentir-se parte, usuário e provedor do processo de educação. Na perspectiva italiana, a escola é de todos e para todos, por isso a participação é um processo que faz parte da vida da instituição. Mesmo que esteja um pouco enfraquecida nas grandes cidades, a participação nas escolas de educação infantil da região norte da Itália é uma prática cultural muito difundida e ainda muito estimulada pelos educadores.

Palavras-chave: Participação. Gestão. Educação infantil.

INTRODUÇÃO

O interesse que os países têm demonstrado pela educação infantil italiana se nutre pela qualidade dos serviços municipais para crianças de 0 a 6 anos e representa em muitos casos um sistema integrado, funcional e culturalmente apropriado pela comunidade na qual surgiram (GALARDINI, 2003b).

Os serviços para a infância na Itália estão alicerçados na comunidade local e com ela têm desenvolvido um relacionamento de estreito vínculo, de diálogo e de colaboração. As intervenções da comunidade local na vida da escola produzem respostas aos problemas existentes e favorecem inovações na prática educativa cotidiana.

A colaboração das famílias é significativa, não só para apoiar de modo adequado a criança, mas também pela riqueza de experiências que elas colocam à disposição das creches e escolas. Segundo Galardini (2003c), a participação da comunidade na vida do serviço educativo pode se desenvolver de diversas formas, considerando a disponibilidade e a competência de cada família. A participação pode ser por meio de oferecimento de materiais que serão utilizados pelas crianças; da preparação de alguma coisa de útil; da realização de pequenos trabalhos que enriqueçam os espaços dos serviços.

A relação entre os serviços para infância e a comunidade pode ser abordada a partir de dois pontos de vista. Segundo Galardini (2003b), por um lado, examina-se o tipo de relação entre a família e o serviço, considerando como se constrói no serviço um ambiente favorável não apenas para criança, mas também para sua família. Neste sentido devemos considerar a história da participação dos pais na vida dos serviços. História caracterizada pela busca de uma modalidade sempre mais contínua para colocar em relação educadores-pais com objetivo de partilharem saberes, sentimentos e comportamento sobre as crianças. Por outro lado, considera-se as respostas que uma comunidade em particular dá às necessidades das famílias, voltando-se para a responsabilidade que a comunidade tem para com as crianças, ou seja, quais são as suas escolhas políticas para a infância. Trata-se de um problema cultural complexo que evidencia o modo como a sociedade vê a criança, o investimento que faz na infância e as expectativas que tem.

Ghedini (1993) afirma que os espaços de participação dos pais nos serviços de infância devem ser garantidos, como na gestão social¹, porém a participação dos pais deve ir além do processo formal reservado às famílias, abrangendo situações de colaboração que possam invocar as capacidades dos pais oferecendo oportunidades e instâncias de diálogo e trabalho conjunto.

Diante do exposto, trabalhamos com os dados coletados de março a junho de 2009, em quatro cidades italianas da região centro-norte. O objetivo desta discussão é apresentar a atuação dos profissionais de educação infantil para estimular e promover a participação das famílias no cotidiano da escola e posteriormente na gestão social da mesma.

É esse contexto italiano de desenvolvimento das práticas participativas na escola de infância que analisaremos a partir das entrevistas e estudos realizados.

A REALIDADE ITALIANA PESQUISADA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada em quatro cidades italianas: Pistoia, Reggio Emilia, Turim e Milão. Reggio Emilia é a pioneira na promoção da participação comunitária na gestão da escola de educação infantil, reconhecida mundialmente, segundo informações apresentadas na reunião do *Interconsigli*². Pistoia é uma cidade da Toscana, que vive um período de entusiasmo quando a participação nos serviços para a primeira infância. Turim é denominada pelos italianos como a cidade mais europeia da Itália e que, embora

grande e industrializada, é muito tranquila. E Milão que é intitulada pelos milaneses de *frenética* e é a mais industrializada do país.

Como procedimentos metodológicos utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental. Outro instrumento de coleta de dados foi a realização de entrevistas com representantes dos seguintes grupos sociais existentes nos sistemas de ensino infantil na Itália: diretores, professores, pais e assessores envolvidos no cotidiano das escolas de Educação Infantil. Utilizamos um roteiro com questões semiestruturadas adequado à língua e à cultura italiana. Realizamos sete entrevistas com pais (Milão C), professores (Pistóia B) e dirigentes (Pistóia A, Torino A, Reggio Emilia A, Milão A, Milão B). As dirigentes são denominadas *pedagogistas*, responsáveis por mais de uma escola, pois na Itália não há uma diretora ou coordenadora em cada unidade escolar. Também, foram visitadas creches, escolas de infância e outros espaços e instituições de cunho educacional nas cidades estudadas.

Salientamos que a organização da escola de infância na realidade italiana, apresenta uma divisão oficial entre as creches que atendem crianças de 0 a 3 anos e as escolas maternas que atendem crianças de 3 a 6 anos. Essa divisão define a origem do financiamento público para cada um desses segmentos de educação entre outras questões.

A PROMOÇÃO DA PARTICIPAÇÃO NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL ITALIANAS: UMA TAREFA DOCENTE.

Nas creches, tanto a criança como a família tem a oportunidade de vivenciar o crescimento na perspectiva da socialização. Na visão de Galardini (2003c), é preciso muita determinação e sensibilidade por parte dos educadores para envolver os pais nos diferentes projetos, uma vez que envolver os adultos não é fácil, pois na realidade atual, as famílias estão centradas nos espaços privados e não orientadas para a partilha e a participação. É exigido dos profissionais das escolas um gerenciamento atento das situações e uma vontade de viver com competência e entusiasmo o seu papel. Cada situação deve ser preparada com cuidado; não se pode improvisar encontro de grupo, momento de festa, projeto de trabalho, pois a participação vai se construindo por meio da atenção aos aspectos organizativos, o que significa preparar para cada situação um convite, organizar bem o espaço para que os adultos se sintam à vontade, utilizar materiais adequados de documentação. A participação pressupõe a atenção ao clima socialmente complexo do serviço. Uma sociabilidade positiva vivenciada nas relações

cotidianas é na realidade o fator de predispor os diversos adultos a estarem juntos com prazer.

[...] cada escola promove no seu interior momentos de encontros para falarem das crianças, de seus anseios, de suas competências, expectativas, sonhos, e projetos. Também são promovidos encontros específicos de cada turma para que os pais possam falar das crianças. Encontro de grupo de pais para juntos consolidarem as relações. Os pais jovens podem conversar com as professoras, podem ler as documentações sobre as atividades desenvolvidas pelas crianças, podem estar com as crianças para sentirem-se mais seguros na educação dos seus próprios filhos. (REGGIO EMILIA A, 2009)².

O pai, quando entra na creche, deve sentir que esse espaço também é seu, que sua presença é significativa, mas deve estar ao mesmo tempo disponível para compartilhar parte de si e de sua afetividade nas situações cotidianas de troca, para dar uma contribuição pessoal e/ou ter o desejo de aproveitar as oportunidades que emergem. Isso significa que uma presença ativa e participativa se constrói dia após dia. Também os relacionamentos entre os diversos trabalhadores do serviço são importantes: a colegialidade, a cooperação, o diálogo são modalidades de relação que definem a profissionalidade de quem trabalha em um serviço educativo e são comportamentos que conferem um sinal positivo à sociabilidade da pequena comunidade, que é a creche.

Para dar calor à vida do serviço e manter um clima de amizade e familiaridade, deve-se proporcionar também pequenas oportunidades de convívio, como tomar chá juntos, partilhar um lanche com as crianças. Não devem faltar conversas individuais entre educadores que se encarregam da criança e seus pais: se trata de situações com a finalidade de um conhecimento mais aprofundado que devem prever tempo e espaço justos, que possibilitem a necessária intimidade. O fato de ter de tempo em tempo a oportunidade de falar com calma, talvez sem a criança, não em pé e sem uma situação complexa a ter sob controle é indispensável e ajuda a fluir o relacionamento diário em que é inevitável que se façam as comunicações de forma sinteticamente e significativa. É por isso que na creche deve ter também um espaço reservado para o adulto, onde os pais e os educadores possam ter a oportunidade de parar. (GALARDINI, 2003c, p. 172-173).

Para Galardini (2003c), esse momento de encontro previamente agendado favorece a relação de confiança entre os pais e os educadores de referência, pois essa é a base para construir o desejo de ter trocas mais alargadas, como prazer de fazer juntos alguma coisa de útil pelas crianças. Com esse objetivo, há situações estratégicas, que se entrelaçam com os eventos festivos e permitem valorizar a tradição da comunidade. Algumas famílias sentem-se particularmente mais dispostas a dar um contributo em ocasiões importantes do que outras e que com prazer aceitam ter um protagonismo especial. Sobre essa questão a educadora entrevistada em Pistóia relata:

Os pais têm grandes recursos, mas às vezes, não sabem como fazer. A nossa tarefa é um pouco a atividade de coordenar para fazer orientar-se. Por que comumente podem se perder na situação. Ao contrário, nós procuramos rápido fazer como que eles analisem a situação. Eles não

podem trabalhar sozinhos, precisamos trabalhar juntos, nosso papel é dar essa ajuda. Depois vão se tornando hábeis e podem fazer sozinhos, mas no início precisam de mensagens, que devem ser claras, de como fazer, como se orientar. (PISTÓIA B, 2009)

A educadora indicou que o seu papel e dos outros educadores é possibilitar a construção do fazer autônomo dos pais, por meio da formação do coletivo, uma vez que na Itália não basta cada um fazer a sua parte, é preciso fazer juntos. Isso confirma que é importante oferecer mais possibilidade aos pais, mais formas de ir ao encontro deles, favorecendo modos diversos de relacionamento com o serviço.

Segundo Galardini e Giovannini (2002), são três as estratégias de construção de relacionamento entre as creches e as famílias:

- **Organização:** a primeira forma de promover os relacionamentos está vinculada aos espaços organizacionais de creche.

Em cada creche, os pais elegem um comitê de representantes, responsável por proporcionar diretrizes à creche e promover os encontros entre os pais. Eles participam desse comitê como forma de garantir que a creche mantenha-se a par das necessidades das famílias e de verificar democraticamente o manejo dos serviços. Ao estimular o envolvimento dos pais nas decisões relativas ao orçamento e à organização, a administração pública mostra quanto ela valoriza o envolvimento das famílias. (GALARDINI, GIOVANNINI, 2002, p. 126-127).

- **Comunicação:** as creches podem oferecer informações aos pais através de vários tipos de documentos, como: cartazes, painéis, panfletos, etc.

As creches são espaço de conhecimento e são vistas como lugares de aprendizagem. São lugares onde os educadores reúnem-se com os pais para lhes explicar e comunicar as coisas interessantes, importantes e belas que as crianças fazem. [...]

Quando os educadores, fazem com que certo serviço torne-se verdadeiramente conhecido pela comunidade, eles realizam uma complexa tarefa que tem valor cultural e político. Contribuem para a disseminação do conhecimento sobre a infância. Fazem da participação uma parte do exercício mais amplo de democracia para os cidadãos. Encorajam um maior número de pessoas a assumir responsabilidade para com as novas gerações. (GALARDINI, GIOVANNINI, 2002, p. 127).

No âmbito da comunicação a professora de Pistóia comentou que a participação dos pais na escola de educação infantil fundamenta-se no conhecimento que eles possuem sobre a prática educativa realizada com seus filhos, desta forma os educadores devem abrir um canal de comunicação com eles, assim afirmou:

[...] buscamos sempre incentivar a participação dos pais no projeto educativo. Procuramos fortalecer a participação na atividade educativa. Por exemplo: a documentação semanal que nós fazemos para restituir o andamento do grupo de crianças, temos procurado dar uma cópia para a família, para que ao final da semana ela possa saber o que aconteceu com o grupo de crianças. Neste documento não se fala de cada criança no singular, mas do grupo. Mostra-se um pouco o percurso do grupo, digo que é deste relato que nasce a colaboração dos pais. E isso se

transformou numa forma interativa de comunicação. Se delinea através de uma semana um bom percurso, um projeto daquilo que aconteceu. Os pais voltam, perguntam e comentam que entenderam por que a criança falou determinada coisa em casa. (PISTÓIA B, 2009).

Podemos perceber que os pais começam a conhecer a realidade educativa vivida por seus filhos na escola por meio da documentação pedagógica. Segundo a mesma entrevistada, esse é o maior valor da documentação.

Portanto, o fato deles saberem aquilo que fazemos pontualmente, dá a oportunidade deles estarem mais dentro de nosso projeto educativo, dentro da nossa história de todo dia. É isso é uma bela forma de participação. Chega um pai que, [...], trás um objeto que propicie sombra, para contribuir com um projeto sobre diferença entre sombra e luz. Os pais quando conhecem o tema, se colocam na condição de participar. Para mim, essa é a participação mais importante. (PISTÓIA B, 2009)

Mesmo os pais que não se envolvem muito, têm interesse pelas atividades que seu filho desenvolve, desta forma a documentação assume um papel na construção do vínculo entre o pai e a escola, mas a documentação não é suficiente, é fundamental que também haja um vínculo forte e concreto entre a educadora e os pais.

[...] você pode chamar a atenção do pai para aquilo que o filho dele fez. Assim, podemos trazer o pai para dentro, e para mim, esse é o nosso papel, pois não dá para ficar só no 'oi' e 'tchau' e basta! A documentação ajuda, mas a relação professor – pai é fundamental. É importante construir dia-a-dia, é na relação cotidiana que se construí um relacionamento que pode fazer o pai participar e se sentir importante num projeto e na vida escolar. (PISTÓIA B, 2009)

- **Intercâmbio:** esta estratégia envolve a colaboração e o intercâmbio cotidiano vinculados a ocasiões específicas, tais como celebrações, aniversários, viagens, etc.

Os educadores buscam uma contribuição prática de cada pai e de cada mãe para vida da comunidade, através, por exemplo, da construção coletiva de peças de mobiliário, de equipamentos para os pátios de recreio e de brinquedos. Ainda mais importante do que isso, espera-se que os pais interajam com os educadores, de várias maneiras, todos os dias. Esses intercâmbios sociais são muitas vezes ocasiões bastante positivas e úteis, pois ajudam a construir relacionamentos mais significativos e trazem vida e cor para a creche. Muitas vezes, os pais trazem à creche pequenos brinquedos e comida, assim como as vezes as crianças também levam alguns presentes para casa. Cada oferecimento é uma expressão simbólica do valor que cada uma das partes dá ao intercâmbio. Esses pequenos presentes envolvem tanto a quem dá quanto a quem recebe, e o intercâmbio garante a reciprocidade que une a comunidade. (GALARDINI, GIOVANNINI, 2002, p. 127-128).

A construção do relacionamento escola-família é a base da cultura de participação, pois educadores e pais afirmam que para participar é preciso conhecer, é preciso que a escola seja um espaço de encontro e intercâmbio, como relatou uma mãe:

Bem, eu estou aqui em Reggio Emilia a poucos anos. Quando cheguei, tinha me transformado em mãe a pouco. Estava sozinha aqui com uma criança pequena. Procurei uma creche e fui ao primeiro colóquio com a professora e ela disse que havia várias possibilidades de participação e que para mim que era sozinha poderia fazer amizades e realizar alguma coisa legal³.

A educadora de Pistóia relatou uma dessas '*coisas legais*' que os pais podem realizar juntos a partir das relações estabelecidas no interior da escola.

Recordo que esse ano na ocasião do terremoto de *Abruzzo*, os pais que se organizaram, trabalharam sozinhos e em grupo, foram ao *Assessorato* buscar explicações de que como podiam intervir. Foram lá diretamente. Se moveram como muita desenvoltura, no início precisaram das regras de nossa parte para entender e se orientar, mas todos são muitos bons. [...]. Nós não estamos ali para controlar, mas para sustentar. (PISTÓIA B, 2009).

A participação da família na escola de educação infantil é um aspecto forte da educação italiana e

Em todo o território italiano, averiguamos que os sistemas públicos funcionam melhor quando estão enraizados na comunidade local. Por isso, os administradores públicos esforçaram-se por estabelecer vínculos com a comunidade baseados na comunicação, no debate e na colaboração. Os educadores são cada vez mais eficientes em seu papel de produzir inovações em nível local. (GALARDINI, GIOVANNINI, 2002, p. 124-125).

Esse vínculo da comunidade local com a escola pública de educação infantil se materializa na gestão social e segundo a entrevistada "os professores são fundamentais para a gestão social, porque são eles que sensibilizam os pais a participarem da vida da creche. São os professores que explicam aos pais o que é e como funciona a gestão social." (PISTÓIA A)

A gestão social é uma prática consolidada e concebida como um princípio educacional. Essa prática tem como objetivo, segundo Spaggiari⁴ (1999, p. 107),

[...] promover a vigorosa interação e comunicação entre educadores, crianças, pais e comunidade. Ela melhora o valor de uma abordagem educacional que tem suas origens e objetivos nos princípios da comunicação e da solidariedade. A participação das famílias é tão essencial quanto a participação das crianças e dos educadores.

São os educadores que sensibilizam e explicam aos pais sobre a gestão social contou a educadora.

Procuramos no início do ano de preparar um calendário de encontro, uma vez que já temos uma idéia de como isso funciona, de como os pais podem dar-se as mãos. No sentido de construir um programa de forma que os pais possam estar dentro da creche em vários níveis. Portanto, no primeiro mês há a necessidade de um conhecimento maior, então fazemos um encontro com todos juntos, no grande grupo, onde se fala um pouco das regras de gestão, dizemos coisas que interessam a todos, abordamos temáticas que favorecem o conhecimento, porque é importante estarem juntos, porque é importante fazer esse tipo de

percurso, que coisa podemos fazer para dialogar melhor. E depois, uma vez organizado o conselho, se trabalha junto, se decidem vários encontros para afrontar temáticas diversas, mas a coisa importante é encontrar-se. Estar juntos, porque depois nascem tantas outras possibilidades. (PISTÓIA B, 2009).

Os profissionais da escola são os promotores iniciais da gestão social, eles são os protagonistas no processo e conscientes de que precisam favorecer também o protagonismo dos pais, como afirmou a *pedagoga* ...

As professoras são fundamentais nesse processo. Algumas de nós que somos pedagogas e professores somos atores protagonista, pois também aprendemos e crescemos na participação. Nossas professoras, mas também, nossas auxiliares, nosso cozinheiro, todas as pessoas da escola, no tempo próprio de trabalho participam e promovem a participação das famílias. Promovem encontros, sobretudo os primeiros encontros. Além disso, as professores participam também do projeto da escola e em outras ocasiões, essa noite verá muitas professoras, pois são participantes, são parte ativa do conselho. (REGGIO EMILIA A, 2009)

A configuração dos conselhos depende da legislação municipal, já que na Itália a educação infantil é responsabilidade do poder municipal.

O conselho de escola é representativo. Tem representantes dos pais, das educadoras, do pessoal auxiliar e o dirigente. O conselho que decide tudo sobre o funcionamento da escola. [...]. Se é preciso fazer alguma compra, como será feita, quem fará, enfim tudo! Decide também sobre os critérios de classificação para admissão da criança, ou seja, quem terá prioridade: quem a mãe trabalha, quem algum [pai ou mãe] esta desempregado, quem vai ter mais dificuldade se não conseguir vaga em outro tipo de escola não municipal e assim por diante. Depois a equipe da escola faz a lista a partir dos critérios estabelecidos no conselho de escola. Essa lista será usada para definir quem terá seu requerimento de vaga atendido e quem vai ficar na lista de espera. Os pais participam de outras coisas como, por exemplo, uma festa, alguma coisa que vai acontecer na escola. Os pais participam de tudo na vida da escola. (MILÃO C, 2009).

Com relação as participação das professoras no conselho a educadora de Pistóia afirmou que

[...] no conselho de gestão participam representantes das professoras. Não participamos todas. Por que para trabalhar o grupo deve ser ágil, em suma, não pode ser um grande grupo, deve ser um pequeno grupo. Também entre nós há uma rotação, dizemos que por ano são três pessoas, que cada uma representa a própria sessão e pela qual vê a creche. Quanto aos pais [...] na primeira assembléia orientamos um pouco os pais. Dizemos que seria interessante que o percurso dos pais no conselho fosse um pouco longo. [...], primeiro esperamos que os pais venham aderir de maneira espontânea, são dois pais por sessão, de forma que quando um não esta, o outro esteja. [...] Esse ano eu não sou representante. Por que no início do ano nós definimos as tarefas, quem vai para o conselho, quem vai trabalhar no escritório, quem vai acolher as delegações. Mas já estive no conselho. (PISTÓIA B, 2009)

A concretização da gestão social na escola exige do professor muitas habilidades e também a disposição para participar, mas em Milão essa disposição dos educadores

está se enfraquecendo, fortalecendo uma postura que não gera participação e muito menos o sentimento de pertença a comunidade escolar, segundo a percepção de uma mãe.

Hoje o pai se coloca no serviço como cliente, não mais como co-responsável. Ele se coloca como cliente e chega na escola com grosseria e cobrança. Por sua vez, as professoras preferem não se confrontar com o pai e acabam reforçando essa postura no pai, fortalecendo a ideia que o pai é cliente. A educadora precisa estar convicta da importância da participação para mostrar ao pai que ele também tem responsabilidade com o serviço. Além disso, tem o problema do individualismo, que hoje está muito forte, mas o serviço para infância é um serviço essencialmente coletivo. Assim, alguns pais acabam não participando da vida da escola. (MILÃO C, 2009).

A participação está passando por um processo de enfraquecimento nas grandes cidades italianas pesquisadas, como Milão e Turim, mas nas cidades medianas e pequenas essa cultura ainda é fortemente, embora a ameaça do individualismo e das políticas neoliberais, pautadas nos valores da economia de mercado esteja presentes e tomando corpo. Em Reggio Emilia o valor da participação é reafirmado e defendido pelos educadores, que lutam por ...

[...] uma escola com a participação de todos para construção da educação. Portanto nós dissemos sempre que a participação da família dentro da escola onde suas crianças estão propicia a construção na escola do projeto educativo, por meio de um ambiente que permite as suas buscas e pesquisas, de um adulto que escuta. Temos os professores que se propõem a partilhar as suas experiências e saberes com as crianças. Os pais estão dentro deste terreno fértil de participação. Terreno que permite unir as contribuições dos pais, dos professores e das crianças promovendo a construção de saberes e da consciência que são cidadãos de uma cidade. Uma cidade que se preocupa com o destino das crianças. (REGGIO EMILIA A, 2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de participação, na perspectiva italiana, envolve o sentimento de pertença, o desejo de partilha, a ideia de coletivo, a solidariedade, assumir com protagonismo as situações e compreender que participar é um ato político, mesmo que em âmbito mais restrito. Participar não é estar dentro de forma passiva, dando a opinião e não se comprometendo com a decisão. Participar para os italianos é ser cidadão, é fazer a diferença, para dar repostas às questões que o cotidiano apresenta. Nesse sentido, o conceito de participação na Itália é uma prática social ampla e complexa.

Neste contexto, o profissional de educação infantil deve apresentar em primeiro lugar a consciência da sua responsabilidade no processo de participação da família na gestão social da escola; em segundo, o desejo de fazer parte deste processo e finalmente, deve demonstrar habilidade para sensibilizar e envolver a família na escola,

para comunicar-se com os pais, por meio de conversas informais, da documentação pedagógica, de encontros particulares e de reuniões; para transmitir as informações necessárias à efetivação do processo participação. Também é importante estar aberto ao diálogo com os colegas de trabalho e ao processo de formação em serviço, pois ...

Na Itália, os elementos que determinam o ambiente relacional nos cenários educacionais são constantemente objetos de estudo e discussão. Entre eles, estão as relações entre pais e professores, a necessidade de cada criança de ter um professor de referência que esteja mais próximo dela do que das outras, [...]. (MUSATTI; MAYER, 2002, p. 195).

Enfim, a exigência formativa aos professores italianos, considerando a participação na gestão social é constante e dinâmica.

NOTAS:

¹ A proposta pedagógica da gestão social tem grande envergadura social, pois partiu do desejo de contextualizar e historicizar o processo educativo envolvendo a comunidade local. Teve início no período de reconstrução do pós - segunda guerra na Vila Cella, um distrito do município de Reggio Emilia e se espalhou por todo país. A gestão social foi afirmada oficialmente nas leis: Lei n.º 444/1968 (escola materna) e Lei n.º 1044/1971 (creches).

² Todas as citações e entrevistas foram traduzidas pela autora.

³ Depoimento de uma mãe na reunião do *Interconsiglio*, realizada no dia 16 de junho de 2009.

⁴ É dirigente do sistema municipal de educação infantil de Reggio Emilia.

⁵ Refere-se a reunião *Interconsiglio* de Reggio Emilia.

REFERÊNCIAS

GALARDINI, A.; GIOVANNINI, D.; Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender as necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C.; **Bambini: A abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

GALARDINI, A. La comunità e i bambini: l'esperienza di Pistoia. In: GANDINI, L.; MANTOVANI, S.; EDWARDS, C. P. **Il nido per una cultura dell'infanzia**. Azzano San Paolo/It.:Edizioni Junior, 2003b.

GALARDINI, A.L. I Genitori nel nido: coinvolgimento e collaborazione. In: GALARDINI, A.L. **Crescere al nido: Gli spazi, i tempi, le attività, le relazioni**. Roma, It: Carocci, 2003c.

MUSATTI, T.; PICCHIO, M.; **Un luogo per bambini e Genitori nella città: trasformazioni sociali e innovazione nei servizi per l'infanzia e le famiglie**. Bolonha, It: Il Mulino, 2005.

SPAGGIARI, Sergio. A parceria comunidade-professor na administração das escolas. In: EDWARDS, C. GANDINI, L. FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.